

Videoaula 2 – Yoga e Dharma

Logo no início da Bhagavad Gita, Arjuna está colocado diante de um dilema: vencer uma batalha sangrenta contra seus amigos e parentes; ou caminhar como um suicida para a morte certa. Uma situação insolúvel e desesperante. Na concepção da Gita, a única solução para uma situação insolúvel, como esta, é o yoga.

A primeira palavra da Bhagavad Gita é “dharma”. Isso torna evidente que o assunto da Gita tem seu foco no dharma, embora ela seja explicitamente um tratado de yoga. Ela trata do Yoga, portanto, como modo de realização do dharma.

Por isso Krishna, que é o “senhor do yoga” (yogeshvara), diz que quando o dharma enfraquece, e o adharma cresce, ele se manifesta para restaurar a ordem (IV, 7).

Mas, o que é o dharma?

O dharma é a ordem que subjaz e que dá sustentação ao próprio universo. É também aquilo que dá equilíbrio e sustentação à nossa vida e estabilidade (pela dharana) à mente – trazendo conforto, firmeza e paz.

Na esfera da vida pessoal, temos nosso próprio dharma (svadharma), que precisa ser convertido em ações, para se realizar adequadamente. “Melhor cumprir o próprio dharma, ainda que imperfeitamente, do que cumprir com perfeição o dharma de outro” (XVIII, 47 e III, 35).

O dharma somente se manifesta como ação. O dharma é a verdade, pois só a verdade pode dar sustentação a qualquer coisa. A mentira não se sustenta, mas a verdade é eterna e imperecível, identificada ao próprio Brahma (o eu em nosso coração). O brasão nacional da Índia está acompanhado por uma frase extraída da Mundaka upanishat: “satyam eva jayate”, ou seja, “só a verdade vence”.

O dharma se realiza e se resolve facilmente na ação, mas apenas quando ela é pura e verdadeira. Por isso o yoga da Gita propõe o **isolamento da ação**.

Vamos tentar esclarecer o isolamento da ação, ou seja, o yoga, tal como é entendido, na prática, pela Bhagavad Gita.

Em primeiro lugar o isolamento da ação se faz em relação a quem a executa. O capítulo 5 começa com uma pergunta de Arjuna para Krishna sobre qual é superior: a renúncia à ação ou o uso da ação (karmanam yoga). A resposta de Krishna é: o yoga das ações é superior, pois é a único meio de alcançar a verdadeira renúncia. V, 2

Ali ele explica que o yogui pensa, enquanto age “naiva kimcit karomi” (“eu, de fato, não faço” – V, 8), pois ele se identifica com o próprio atma que é o atma de todas as criaturas (V, 7). Assim ele isola a ação de si próprio, ou seja, do si-mesmo (atma).

O isolamento da ação exige, adicionalmente, a renúncia aos frutos da ação, pois isso trará paz para o yogui (V, 12). É preciso aprender a agir com a dedicação de quem está ansioso por desfrutar dos resultados da ação, renunciando, no entanto, a esses resultados.

Esse isolamento da ação é aquilo que a Gita chama de yoga das ações, e é apresentado como um caminho natural para a manifestação do dharma.